O jogo da diferença e as representações sobre a periferia no programa *Esquenta!* da Rede Globo[1]

Anielle Aparecida Fernandes de MORAIS[2]
Instituto de Ensino Superior de Rio Verde/Faculdade Objetivo

RESUMO

Neste artigo partimos da premissa de que os meios de comunicação são, antes de tudo, construtos representacionais que fornecem significados à vida através de discursos. Nosso trabalho se propõe a estudar as representações sobre a periferia no programa *Esquenta!* da Rede Globo e, por conseguinte, as identidades que tais representações demarcam simbolicamente. Defendemos que o ato de representar se faz, neste caso, a partir do que chamamos de jogo da diferença. Para análise do objeto de estudo selecionado, apoiamo-nos no escopo teórico dos Estudos Culturais, os quais conjugamos com algumas teorias sobre Comunicação e Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: representação; identidade; diferença; periferia.

1. Introdução

A reflexão sobre a comunicação nos invoca a pensar a respeito das relações humanas e dos desdobramentos dessas relações na configuração de práticas sociais. Considerando a mídia como um lócus de práticas discursivas que opera segundo motivações sociais das mais diversas, ou seja, como prática cultural, estabelecemos um recorte epistemológico que pretende estudar a comunicação a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Tal perspectiva desafia-nos a enxergar a mídia enquanto uma arena de lutas, conflitos e problemas de representação e de identidade.

Nosso trabalho parte da análise de um objeto da mídia entendido como um construto de representações sociais e identidades sobre a periferia brasileira – especialmente a carioca. Para desenvolvimento do trabalho, procedemos à junção de um referencial teórico calcado nos Estudos Culturais (Bhabha, 2003; Derrida, 1991; García-Canclini, 2006), e na Comunicação, mais especificamente no Jornalismo (Gomes, 2013; Sodré e Ferrari 1986).

---

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestre e professora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do IESRIVER/Faculdade Objetivo, email: aniellemorais@gmail.com

O objeto midiático tomado para análise é o programa *Esquenta!*, exibido dominicalmente pela Rede Globo e apresentado por Regina Casé. No lócus de enredo desta atração, defendemos que a representação conduzida a respeito da periferia depende essencialmente de um construto representacional formado a partir da relação homem-espaço, de onde emergem relações sociais e econômicas, portanto, culturais, que recaem na identificação da periferia a partir do traço da diferença (BHABHA, 2003).

2. O traço da diferença na construção da identidade

Cultura é, para nós, um modo de produção através do qual se configuram as práticas sociais no âmbito das relações de poder, ou seja, um modo de operação social, conforme defende o antropólogo Roque de Barros Laraia (1993). Diante disso, representações sociais são vistas como sistemas simbólicos de formação de identidades, produção cultural e, portanto, uma questão social que envolve lugares de fala discursivamente situados e disputas por poder.

O multiculturalismo e o hibridismo cultural (GARCÍA-CANCLINI, 2006) tornaram central a questão da representação e da formação de identidades sociais. Apoiado comumente na defesa da tolerância e do respeito e na aceitação da diversidade, o multiculturalismo, modo de configuração da sociedade contemporânea, implica em entender as contingências relativas à identificação do outro. Levando em conta a série de problemáticas sociais que perpassam os problemas de representação, fazemos agora uma breve exposição sobre a formação da identidade social a partir do traço da diferença.

De início, salientamos que os conceitos de identidade e diferença, segundo Bhabha (2003), Derrida (1991) e Silva (2004), são interdependentes e complexos por remeterem significado à também complexa e híbrida trama da cultura. A definição de identidade faz parte de um movimento contingente e linguístico que identifica alguma coisa mediante a negação de outra. Isto é, são afirmações que nomeiam algo a partir daquilo que ele "não é", o que se explica, para Silva (2004), pela relação de interdependência entre os conceitos de identidade e diferença. Para o teórico, a noção de que o diferente é resultado da identidade deve ser substituída pela perspectiva de que a diferença é, antes de tudo, aquilo que dá origem à identificação.

De acordo com Hall (2004, p. 106), a identificação se constitui a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou mesmo do compartilhamento de ideias. Na concepção do teórico, filiado a uma posição discursiva para a abordagem do conceito, a identificação é um processo nunca determinado e, embora condicionado material e simbolicamente, faz parte de um movimento contingente. Em outros termos, significa que ao nos assegurarmos de uma determinada identificação precisamos levar em conta o traço distintivo nela presente. Assim, compreendemos a diferença como algo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções e oposições.

A identidade, vista sob a perspectiva da contingência, pode ser tomada como:

> (...) o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares. A identidade contingente coloca problemas para os movimentos sociais em termos de projetos políticos. (WOODWARD, 2004, p. 38)

Avaliando inicialmente as posições de sujeito que assumimos nas representações que fazemos, as quais dão sentido discursivo a objetos específicos, Hall (*apud* WOODWARD, 2004, p. 27-28) teoriza sobre o conceito de identidade cultural e argumenta sobre duas possibilidades de se pensar a questão: 1) a perspectiva histórica, de recuperação "fiel" do passado, baseada na unidade histórica e no compartilhamento cultural para fins do processo criacionista de representação; 2) a perspectiva de que a identidade cultural é uma questão de contingência, do vir a ser. Esta última não consiste na negação do passado, mas na percepção de que o ato de representar pressupõe uma construção ou uma reconstrução histórica.

Em nosso trabalho procuramos tratar a questão da representação da periferia ma mídia sob os dois pontos de vista, como perspectivas complementares. Desse modo, tanto as práticas identitárias, como os processos significativos advindos delas, apresentam-se como uma questão histórica, que remonta a imaginários sociais e a projetos de representação. Trata-se de uma problemática histórico-construcionista, uma vez que a mídia, em seu propósito de representar, conjuga o papel de informar e o de agir sobre as práticas sociais.

As práticas simbólicas e de significação no movimento cultural e particularmente naquele que é constitutivo de sentidos identitários, envolvem relações de poder que abrangem a

autoridade de definir o incluído e, consequentemente, o excluído, tal como assegura Hall (2004). Para o teórico, como todas as práticas de significação, a identificação envolve um trabalho discursivo, uma vez que está sujeita ao jogo da *différance*, de fechar e marcar fronteiras simbólicas, requerendo, por isso, aquilo que é deixado de fora. Assim, a identificação se dá na inclusão daquilo que é exterior para a composição daquilo que já está inserido, tal como em um movimento de exclusão via inclusão.

O conceito de *différance*, cujo entendimento está na noção de signo como elemento constitutivo de identificações, foi cunhado e defendido por Derrida (1991, p. 18). Resumidamente, o signo, para o estudioso, caracteriza-se pelo diferimento, ou pelo que se chama de "adiamento da presença", e pela "diferença" que se estabelece na relação com outros signos. Derrida afirma que o signo carrega não somente o traço daquilo que ele substitui, mas também o valor significativo daquilo que ele não é ou não tem. Nesse sentido, a linguagem e o ato de interagir pela língua servem ao propósito de significar e de atribuir valor e sentido às coisas, pessoas, espaços e relações. Sobre isso, Silva (2004) assinala que identidade e diferença resultam de criações linguísticas, que remontam a questões discursivas. Estes conceitos não são elementos da natureza, o que significa que eles são social e culturalmente fabricados.

Bhabha (2003, p. 20) alerta sobre a necessidade de visualizar as identidades contemporâneas como produções de articulações das diferenças culturais. Esses movimentos são descritos como "entre-lugares", espaços onde se formam novos signos, portanto, novas identidades que definem rumos sociais. E assim, continua Bhabha, é nos interstícios, na sobreposição dos domínios da diferença, que os interesses sociais e, paulatinamente, os valores culturais são negociados. Depreendemos, então, que as estratégias para afirmação e contestação de poder residem no interesse cultural das coisas. A cultura é um meio e um fim pelo qual se moldam interesses sociais e econômicos.

No constante movimento de marcação entre passado e presente, as práticas significativas de identidade e de representação reproduzem sentidos simbólicos e fornecem o aparato que experiencia os contrastes sociais, as divisões de classe, as desigualdades e, por conseguinte, a exclusão e a estigmatização social. Devemos ressaltar, porém, que o conflito identitário se

encontra no interior da configuração que lhe deu origem, e, por isso, as contestações identitárias são feitas com base nas próprias formas sociais contra as quais elas lutam.

As diferenças sociais, conjuntamente com as identidades que delas emergem, não são, conforme Bhabha (2003), uma autenticação das experiências históricas de dominação ou de submissão. Elas são, na verdade, signos de projetos mais amplos de construção simbólica que recaem sobre a inviabilidade da fixação. Tal ideia é tomada em relação à teorização marxista, cujos pressupostos remontam à construção identitária como um problema de classe e de posição social. Tal constatação nos leva à compreensão da identidade como elemento interstício de um movimento contingente que pressupõe resistências e contestações.

Embora reconheça os problemas de identidade como questões sociais, Bhabha (2003) assevera que a diferença não pode ser tomada apressadamente apenas como reflexo de problemas culturais pré-estabelecidos. Ela deve ser entendida como uma complexa negociação, cujo propósito é conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformações históricas. A diferença dá sentido ao multiculturalismo característico do cenário histórico das transformações globais. Por se tratar de uma questão simbólica que envolve discurso, a identidade constituída pelo traço da diferença está sujeita à atribuição/negação de valores e disputas por poder. Pela garantia de acesso privilegiado a bens sociais, afirmações e reivindicações de identidade resultam de disputas de grupos, classes e pessoas diferentes (SILVA, 2004, p. 81).

Consideramos que tal conjuntura origina de sistemas classificatórios pelos quais o mundo atribui sentido às suas práticas. Há, de certo modo, um parâmetro sobre como se classifica o mundo para que ele mantenha alguma ordem social. A partir dos sistemas de classificação, estabelecemos dualismos, pesos desiguais, práticas diretamente associadas a relações de poder. Assim, podemos dizer que cada cultura possui seus próprios meios de classificação, variáveis conforme a pessoa que classifica e o propósito com que se classifica. De acordo com Laraia (1993), todas as sociedades humanas dispõem de sistemas de classificação para o mundo natural. Sistemas esses divergentes devido à impossibilidade natural de se determinar um tipo taxionômico para o homem, tal como feito com os animais. Diante

disso, entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas por ele mesmo.

3. O programa *Esquenta!*: construto de representações sobre a periferia

Como já mencionado, a verificação das representações sobre a periferia se dará, neste artigo, a partir da análise cultural de um objeto da comunicação. Nosso objeto de estudo é o programa *Esquenta!*, atração dominical da Rede Globo apresentada por Regina Casé. Pensado e produzido em 2011 como um programa especial de verão com temática de férias e carnaval, o programa surpreendeu em audiência, ganhou mais espaço na grade de programação da emissora e passou a ser exibido semanalmente.

O programa faz parte de um processo de popularização da grade da emissora que vem ocorrendo há cerca de 10 anos (CRUZ, 2013). Baseado quase interinamente na vida dos subúrbios cariocas, *Esquenta!* busca trazer aos palcos atrações e discussões que estabeleçam, de algum modo, uma correlação com a realidade dos moradores de periferia.

Na composição do artigo, travamos uma discussão geral a respeito das operações discursivas do programa e nos efeitos de sentido que elas provocam em termos de representação e identidade. Em um determinado momento, nos reportamos a um episódio específico do programa veiculado dia 12/05/2013 para a análise mais pormenorizada de elementos que julgamos importante destacar.

3.1. O traço da diferença na definição do suburbano

No seio das representações sobre o programa *Esquenta!* consideramos que a atração funciona como um evento discursivo que empresta voz à cultura da periferia em um processo de negociação. As representações das quais falamos aqui se dão tal como em uma arena de luta política em que a esfera do econômico e do social não estão dissociadas daquilo que é cultura. Entendemos que produção de sentidos simbólicos e, consequentemente, de identidades, no programa em análise filia-se a dois elementos simbólicos: a representação do si – atributo humano, suburbano -, e a representação do lugar que o acomoda – atributo espacial, periferia.

Conforme ressaltam Bhabha (2003), Derrida (1991) e Silva (2004), a identidade se define a partir de um movimento contingente que identifica alguma coisa mediante a negação de outra. Embora o que defina a periferia seja a condição marginalizada daqueles que lá vivem, percebemos uma construção discursiva que recai na representação do comportamento social do suburbano a partir da 'não tristeza', portanto, uma espécie alegria consensual negociada.

Por se tratar de uma questão simbólica que envolve discurso, a identidade constituída pelo traço da diferença está sujeita a um jogo de negociação em que se atribui/nega valores com base em um sistema de disputa por poder. Para garantir o aval de se ver na tevê, o público da periferia confere autoridade à emissora que o representa a partir do viés da alegria, embora, na realidade, sua condição de vida seja imposta por um sistema de estratificação social capitalista que retira deste público justamente as oportunidades que lhe ofereceriam verdadeira satisfação.

Na trama da identificação, a identidade do morador de periferia perpassa um conjunto de signos linguísticos – adjetivos e suas modalizações - que o definem a partir daquilo que ele é/tem: pobre, negro (em sua maioria, de acordo com o programa), trabalhador (subempregado), feliz. Representar o excluído requer diferenciá-lo do incluído, identificando-o por aquilo que lhes é negado ou que lhes é deixado de fora. As posições diametralmente opostas entre incluídos e excluídos – em termos econômicos, sociais e até mesmo geográficos – fecham e demarcam fronteiras simbólicas que separam, mas que ao mesmo tempo unem os dois grupos, tal como prevê o jogo da *différance*. Nesse jogo, a existência da periferia figura como condição para perpetuação do capitalismo e para a manutenção do sistema de inclusão via exclusão.

A midiatização da periferia se constitui como um movimento apoiado em questões salutarmente econômicas, da indústria do entretenimento. A pauta da periferia foi, até os anos 90, incipiente na programação da Rede Globo. Os últimos 10 anos evidenciam mudanças estratégicas na emissora com o objetivo de atender o foco que a indústria do

entretenimento tem dado à denominada Classe C[3] (CRUZ, 2013). Exemplo disso são as recentes novelas - 'Avenida Brasil', 'Cheias de Charme' e 'Salve Jorge' - que desenrolaram seus núcleos principais sob o mote da periferia - e o sucesso de quadros populares tais como 'Lar Doce Lar' e 'Lata Velha', transmitidos pelo programa Caldeirão do Huck. Acrescenta-se a este panorama, a invasão de personagens suburbanos em humorísticos da emissora: Valéria Vasquez e Lady Kate, do Zorra Total, figuram como exemplos.

A ascensão da nova Classe C, da qual faz parte a maioria dos participantes e telespectadores do *Esquenta!* mostra-se como um elemento constitutivo do discurso de equalização dos públicos. Ao adquirir poder de consumo, a classe C recebe o direito de se ver na TV. Como condição de visibilidade, o público fornece a emissora o direito de representá-lo a partir de um discurso hegemônico socialmente situado na estratificação social.

3.2. O rosto da periferia

A narrativa do programa *Esquenta!* privilegia a personalização do relato a partir da utilização de personagens que ilustram e conduzem o tema a ser desenvolvido. Contar a história/problema de um personagem materializa e exemplifica a situação de muitos outros (GOMES, 2013). As narrativas sobre problemas, sofrimentos e gostos de um personagem estabelecem conexão com os demais personagens que habitam espaços semelhantes e que vivem sob as mesmas condições de vida. Em outra via, podemos dizer que os representados no programa figuram como um recurso metonímico, pelo qual a história de muitos outros moradores de periferia ganha visibilidade.

Para Sodré e Ferrari (1986, p. 11), a narrativa "é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado". Os autores destacam que a predominância da forma narrativa e a humanização do relato delineiam a construção narrativa e a produção discursiva da na mídia.

[3] A Classe C brasileira representa, hoje, mais de 52% da população, de acordo com dados da CPS –FGV (2008). Entende-se por 'Classe C' o grupo de indivíduos (seja na esfera individual ou familiar) que detém o poder de comprar bens duráveis e gerar riqueza a longo prazo. Um indivíduo da 'Classe C' tem uma renda per capta que varia entre R$ 214,00 e R$ 923,00 ou uma renda familiar entre R$ 1064,00 e R$ 4591,00.

A humanização das histórias contadas funciona como condição de produção do discurso do programa que desperta a comoção e a identificação do objeto/pessoa representado (a) com o telespectador. A comoção não se dá apenas pela identificação através da semelhança – condição de excluído -; ela muitas vezes é significativa para aquele que não encontra no personagem representado as experiências vivenciadas por si próprio. Nesse caso, a comoção se dá com base no sentimento de pena pela condição do outro, e pelo alívio de não fazer parte daquele grupo.

Em episódio do dia 12/05/2013, o *Esquenta!* contou a história de duas de suas dançarinas: Isabel e Raquel. Originárias de um bairro da periferia do Rio de Janeiro, as personagens são descritas a partir de seu passado de vida sofrido como ex-vendedoras de balas. A função imposta pelo pai agressivo, de acordo com a narrativa, retirou delas o convívio familiar e oportunidades na infância. Ao serem encontradas pela apresentadora Regina Casé, elas receberam a chance profissional que as retirou de uma condição de vida miserável.

É salutar perceber que na narrativa as meninas sofridas escapam da violência e da pobreza quando recebem a chance de se tornarem artistas. O caminho da sorte parece soar mais eficaz e comovente ao público. É o que João Moreira Salles chama, em uma reflexão sobre personagens do filme 'Cidade de Deus', de 'narrativa realista', aquela que prefere o provável ao possível. Na concepção do diretor, profissões como as de biólogo ou cientista não soam suficientemente interessantes ao público, tampouco possíveis aos representados. E nesse caso, em nome da eficácia da narrativa, bem melhor que Isabel e Raquel se tornem artistas.

Retrato de família: Isabel e Raquel foram resgatadas da violência quando receberam a chance de ser artistas

3.3. A periferia em(cena)

Com claras referências ao programa do Chacrinha, a atração se vale de conceitos tropicalistas, antropofágicos, promovendo a quebra de barreiras estéticas tradicionais. As imagens do ambiente invadem o sentido da visão convidando o telespectador à descontração e à brincadeira. Os signos icônicos da narrativa recriam, convencionalmente, uma pretensa realidade sobre a periferia brasileira, a qual podem ser atribuídas características carnavalescas. No processo discursivo, o exagero cênico cumpre o papel de transcender a tristeza a partir da criação da imagem da alegria/felicidade.

Considerada embaixadora da cultura popular (de periferia), Regina Casé tornou-se porta-voz dos pobres, da favela, das políticas, dos estilos, gírias e jargões suburbanos na principal emissora de televisão do país. Sob roupas de cores e estilos extravagantes, óculos coloridos semelhantes à alegorias carnavalescas, a apresentadora é, ela própria, um elemento de composição do discurso que representa o exagero cênico/não tristeza como retrato da periferia.

A participação, no programa de sambistas de sucesso originários de periferias vendem a imagem do alto astral e do otimismo. Na música-tema do programa, "Porque tem a sina de ser popular", cantada por Arlindo Cruz, uma expressão dessa condição. O exagero nas cores, figurinos, sons, cenários, performances, dão a "cara de povão" à atração.

Cenário do *Esquenta!*: cores extravagantes e estilo carnavalesco compõem a imagem da periferia no programa

4. Considerações Finais

Diante da análise efetivada sobre a representação da periferia no programa *Esquenta!*, constatamos que a atração tende a produzir, a partir de suas narrativas, significados sobre a relação entre suburbanos e seu lugar de origem. A produção midiática em questão, por meio dos relatos de personagens e da composição cênica, parece justificar as condições sociais, econômicas e políticas da região.

A exploração de aspectos emocionais de tipos considerados comuns no contexto da periferia brasileira (pobre, honesto, trabalhador, negro, feliz) produz retratos que, ao integrarem um todo coerente, atuam como elementos centrais para a produção de sentido e perpetuação de um retrato estigmatizado da periferia. A tematização da condição sociocultural perpetua o jogo da diferença que pressupõe a inclusão de determinados grupos a partir da exclusão de outros.

Ritmos considerados pejorativos e hedonistas são entoados por cantores a quem é atribuída orientação sexista. Há no programa um despudor e aversão ao politicamente correto. O politicamente incorreto é representado como a bandeira dos excluídos. Nessa via, a periferia em *Esquenta!* é definida por tudo aquilo que lhes falta, ela experiencia contrastes sociais, divisões de classe, desigualdades e, por conseguinte, a exclusão e a estigmatizarão social.

5. Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila et. al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CPS-FGV. **A Nova Classe Média.** Marcelo Neri (Coord), 2008. Centro de PolíticasSociais: FGV, 2008. Disponível em: http://www.cps.fgv.br/ibrecps/M3/M3_ANovaClasseMedia _Port_2.pdf. Acesso em 08/07/2013.

CRUZ, Breno. **O fenômeno 'Social TV' na classe C e as mudanças na programação da Rede Globo**. Disponível em: <http://academia.edu/2568424/O_Fenomeno_Social_TV_ na_Classe_C_e_as_Mudancas_na_Programacao_da_Rede_Globo >. Acesso em: 08/07/2013.

DERRIDA, Jacques**. Limited Inc.** Trad. Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1991.

ESQUENTA. Rio de Janeiro: Globo, 2013. Disponível em <http://tvg.globo.com/programas/esquenta/>. Acesso em 11/07/2013.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

GOMES, Itânia. **Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro:** o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf.> Acesso em 11/07/2013.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.103-133

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SALLES, João Moreira. **Um documentarista se dirige a cientistas.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0606201005.htm>. Acesso em: 05/07/2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 72-102.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7-72.